

# Estórias e Contos da Minha Terra





## FICHA TÉCNICA

**Título:** Estórias e Contos da Minha Terra

**Edição:** ANIMAR - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local, no âmbito do projeto Animar o Bairro (CLDS - Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila Franca de Xira)

**Coordenação:** ANIMAR - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local  
Unidade de Intervenção Comunitária

**Desenhos:** Alunos do 2ºD e 2ºC da EB1 n.º2 do Agrupamento de Escolas de Vialonga (ano letivo 2012/2013) | Alunos do 1ºA, 1ºB, 3ºD e 4ºB da EB1 n.º 2 do Agrupamento de Escolas de Vialonga (ano letivo 2013/2014) | Alunos do 4ºA da EB1 n.º1 do Agrupamento de Escolas de Vialonga (ano letivo 2013/2014)

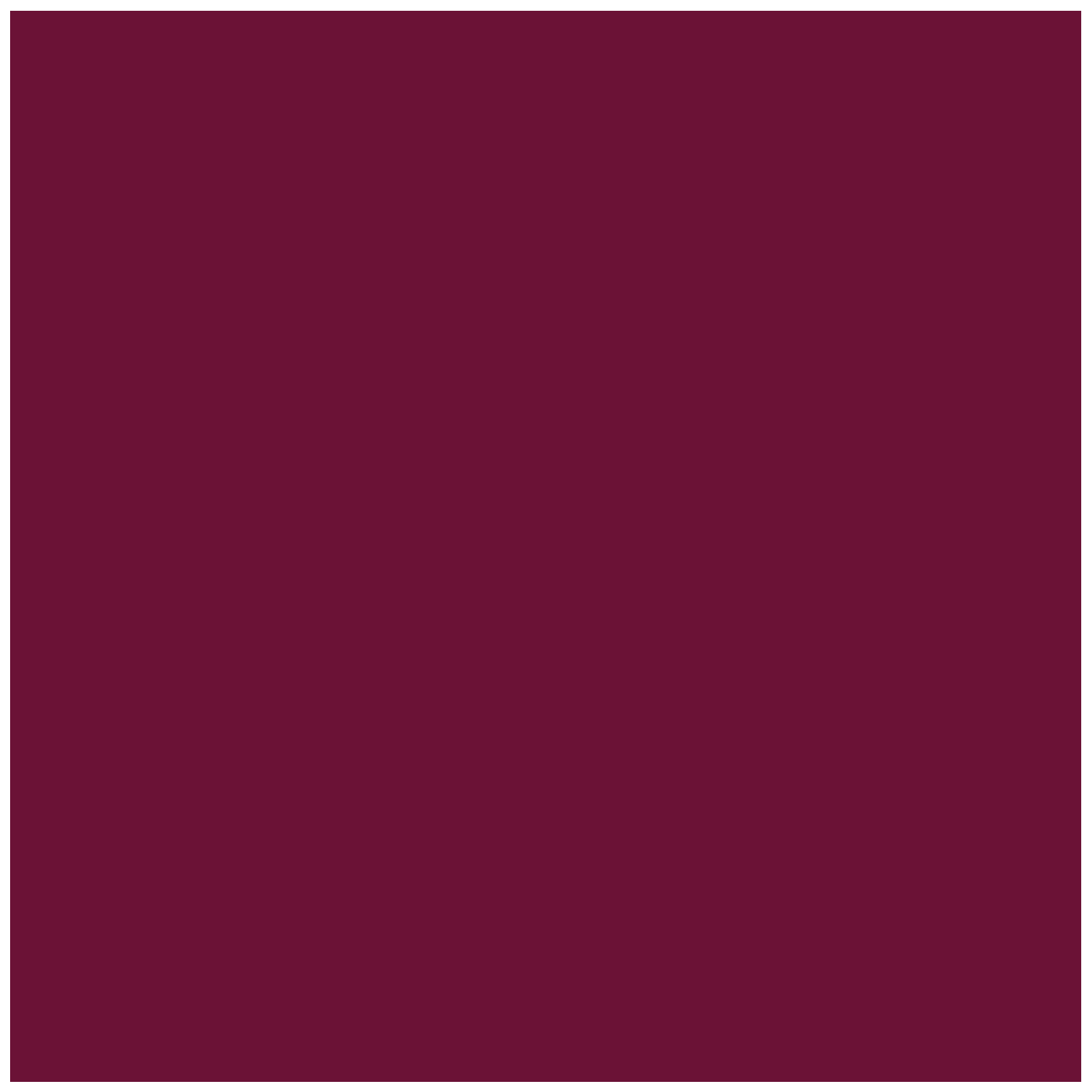
**Agradecimentos:** Aldicelo Andrade, Amélia Lopes, Inês Castela, Jorge D'Assunção, Josimar Marques, D. Lurdes, Maria Lúcia Marçal, Paulo Nogueira, Olga Fernandes, Raquel Gonçalves, Rui Pica, Susana Martin, Vânia Figueiredo (contadores/as e voluntários/as)

**Grafismo e ilustrações da capa:** Vera Rocha (ACI)

**Setembro 2014**

# **Estórias e Contos da Minha Terra**

© Animar 2014



# ÍNDICE

Nota de Abertura .....	6
Introdução .....	8
Estórias e Contos da Minha Terra	
- Cabo Verde: Conto de Blimundo .....	9
- Brasil: Lenda do Saci Pereré .....	13
- Guiné-Bissau: 1000 Sabores do Mundo - Caldo de Mancarra .....	15
- Cabo Verde: Lenda do Tambor .....	17
- Angola: Macaco de rabo cortado .....	22
- Portugal (Coimbra): Lendas de Reis e Rainhas .....	29
- São Tomé e Príncipe: O Comboio de Natal .....	34
- Portugal (Baião): Fábula “A Raposa Gulosa” .....	37
Bibliografia .....	43

# Nota de abertura

A obra que aqui se disponibiliza nasceu de um conjunto de atividades realizadas no âmbito do Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila Franca de Xira as quais, desde o primeiro momento, se entendeu dever valorizar através da sua compilação e edição.

Na Hora do Conto foram contadas 8 histórias diferentes, pensadas e planeadas no sentido de reforçar a ligação entre as crianças e as histórias e, principalmente, estimular a sua criatividade.

Cada Hora do Conto foi, sobretudo, um momento dedicado às crianças e muito em especial ao estímulo da sua imaginação e da sua curiosidade a partir da magia dos contos e histórias de outros países, de outras regiões e de outras culturas.

Procuramos, com esta iniciativa, valorizar a grande diversidade de culturas e origens que marcam as comunidades locais da área de intervenção do Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila Franca de Xira, promovendo a interação entre os/as contadores/as de histórias e as crianças e estimulando o seu desenvolvimento lúdico, imaginativo e crítico.

Esta obra é um resultado da participação de vários atores locais que, de forma encantadora e estimulante, proporcionaram notáveis momentos narrativos e de dramatização que permitiram às crianças conhecer outras culturas, origens e regiões e, sobretudo, histórias que não conheciam.

Cabe aqui deixar um agradecimento especial à Susana Quartin, Técnica de Intervenção Comunitária do Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila Franca de Xira, pelo seu esforço e empenho na organização e desenvolvimento das atividades e a todos/as os/as contadores/as de histórias que, de forma voluntária e empenhada, se disponibilizaram para estar com as crianças e transmitir-lhes as suas histórias. Agradecemos, também, aos parceiros que se envolveram e participaram nesta atividade, nomeadamente a Biblioteca Municipal de Vialonga, que nos cedeu o espaço e nos deu todo o apoio técnico e logístico necessário, e o Agrupamento de Escolas de Vialonga, que participou na atividade com várias turmas do 1º Ciclo.

**OLGA FERNANDES**

Coordenadora do Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila Franca de Xira

Setembro 2014

# Introdução

Esta publicação surge no âmbito da Ação nº 11, do Eixo de Intervenção V do Projeto Animar o Bairro decorrente do Programa CLDS (Contrato Local de Desenvolvimento Social) de Vila Franca de Xira dinamizado pela Animar, Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local. Esta ação prevê a dinamização de atividades relacionadas com a promoção da diversidade cultural através da partilha de estórias e contos dos países de origem das pessoas do Bairro Olival de Fora. Para a consecução desta ação foram dinamizadas várias sessões da Hora do Conto em estreita articulação com a Biblioteca Municipal de Vialonga.

Tendo em conta a riqueza cultural das pessoas do Bairro Olival de Fora no que diz respeito aos seus países de origem pretendeu-se aproveitar e disseminar as estórias e contos da sua terra de forma a promover a diversidade cultural e a valorizar as suas raízes culturais. Estas histórias são bastante variadas: contos, lendas e até mesmo receitas, pois o mais importante foi a partilha de conhecimentos e tradições culturais através da leitura. Estas sessões decorreram na Biblioteca Municipal de Vialonga e foram assistidas e participadas por alguns/as alunos/as do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas de Vialonga e tiveram sempre uma estrutura muito semelhante: numa primeira fase decorria a leitura do conto/história/lenda e numa segunda fase as crianças realizavam uma tarefa relacionada com o conto.

Os contos não são da autoria dos/as contadores/as, mas sim de outros autores e autoras e as ilustrações são das crianças que assistiram e participaram nas sessões. Sendo assim, as sessões da hora do conto foram registadas e deram origem a esta publicação.

# Cabo Verde: Conto de Blimundo

[Baseado em Pereira, 2009]

**E**ra uma vez um boi que se chamava Blimundo. Enorme, lindo, forte (tão forte que cada vez que mugia todo o mundo estremecia), que trabalhava para um Rei.

Trabalhava num trapiche, que todos os dias às voltas, às voltas... o fazia sentir-se cada vez mais cansado. Não parava de pensar como deixar aquele “trabalho de escravo”, que cada vez aumentava mais as riquezas do rei e do palácio. As rainhas e as princesas cada vez tinham roupas mais bonitas e os soldados fardas mais reluzentes.

- Cada vez trabalho mais. Eu e os meus amigos sustentamos este luxo... Como fazer?

Um dia fugiu. Fugiu do palácio para bem longe.

O Rei, furioso, decidiu que Blimundo teria que ser apanhado e mobilizou todos os soldados dizendo que queria o boi de volta, vivo ou morto (de preferência vivo).

E lá partiu o primeiro batalhão. Os soldados, cheios de medo, desceram e subiram rochas, tremeram aos mugidos de Blimundo... e não resistiram aos primeiros coices.





Lá sobrou um soldado que regressou ao palácio para contar ao Rei o sucedido. Muito zangado com a falta de valentia daqueles homens, ordenou a partida de um segundo batalhão, a quem aconteceu o mesmo.

Mas um belo dia, a Rainha trouxe “a chave” do segredo da volta de Blimundo.

- Ele gosta de música...

- De quê?

- De música, tenho a certeza, e conheço bem o rapaz que costuma tocar cavaquinho por aqui e vamos mandá-lo aos campos...

E o rapazinho sabia de outro segredo... O grande segredo era que Blimundo estava apaixonado pela “codêzinha”.

E ele partiu, cavaquinho numa mão e na outra o farnel de que mais gostava (pipocas), e uma cabaça com água.

Tlim, tlim...

Tlim, tlim...

Tlim, tlim...

Tlim, tlim...

... Ó Blimunde, Senhor Rei mandó'm bem b'scôbe Bô bem casá c'sê codizinha

Tlim, tlim na nha cavaquim

Cróp, cróp na nha prentêm

Tlim, tlim na nha cavaquim

Glu, glu na nha bli d'ága

Andou, andou, desceu, subiu... toando e cantando... e chegaram aos mugidos, primeiro muito ao longe, depois mais perto, e cada vez mais perto. Aproximando-se cada vez mais, chegou-se ao Blimundo e este cada vez mais encantado com a música.

- Toca mais perto do meu ouvido. ... Para que não te canses tanto, sobe para o meu pescoço.

Do alto do Blimundo a cantiga cada vez soava melhor. E eles andando, andando, descendo e subindo... subindo e descendo...

Ninguém acreditava no que via. Um rapaz tão pequenino, com um instrumento também pequeno... todos foram espreitar boquiabertos... só podia ser um milagre!

O Rei fez entrar Blimundo dizendo que o barbeiro o prepararia para o casamento com a "codêzinha".

- Ao menos fazes a barba...

Havia já maldades combinadas com o barbeiro.

Blimundo sentou-se. A toalha à volta do pescoço era a mais branca, foi ensaboado e... um golpe de navalha no pescoço de Blimundo!



Pela força dos coices de Blimundo, o Rei voou e desapareceu para sempre...  
e o nosso Blimundo foi viver a sua liberdade e a lembrança do seu amor noutra terra.  
Mas... pelas rochas e vales das ilhas, os ecos ainda trazem a memória desses sons cheios de magia...

... ó Blimunde, Senhor Rei mandó'm bem b'scôbe  
Bô bem casá c'sê codizinha  
Tlim, tlim na nha cavaquim  
Cróp, cróp na nha prentêm  
Tlim, tlim na nha cavaquim  
Glu, glu na nha bli d'ága

Agora, má grande ta bá panhá,  
má piquenim ta bá cercá...



# Brasil: Lenda do Saci Pereré

[Baseado em Heine, s.d.]

**T**odo o pessoal da floresta tem bronca do Saci. É que ele vive aprontando com os outros, como a gente sabe. É levado mesmo!

Um dia deu um nó no rabo da onça. Outro dia passou batom vermelho na boca do jacaré. E pra tirar foi um sufoco danado! Só dava aquela bocarra vermelha com tanto

dente branco dentro. Na mesma semana, o danado do Saci passou cola num galho de árvore e uma coruja ficou lá grudada! Parece que ele já acordava com uma idéia de aprontar na cabeça.

Mas, um belo dia, chegou a hora do troco.

O Saci-Pererê recebeu uma carta. Era um convite para ser entrevistado no programa do Jô Soares, em São Paulo. Ele ficou orgulhoso, claro! Seria o representante do folclore brasileiro, falando para o país inteiro, via satélite.

Então, ele pensou em colocar uma roupa bem bonita e também um sapato chique, de verniz preto. Até comprou um gorro vermelho novo. No grande dia, ele se vestiu, passou perfume... Mas aí chegou a hora de colocar o sapato! Não tinha jeito.



Todo o mundo coloca o sapato ficando em pé na outra perna. Mas o Saci só tem uma perna, ora!

Daí pediu ajuda para a onça. Ela, é claro, deu a maior gargalhada!

- Agora você vai ver que onça é pior que amigo da onça, seu bobão! – disse a pintada.

Então o Saci foi pedir uma mãozinha para o jacaré.

- Quiá. Quiá, quiá! – riu o bicho com o seu bocão cheio de dentes. – Se depender de mim, você vai descalço mesmo!

E o Saci tentou de novo:

- Ô dona Coruja, me ajuda a calçar este sapato, vai! É só unzinho. A coruja pensou e respondeu que só ia ajudar se o Saci promettesse não aprontar mais com ninguém. Ele já estava ficando atrasado pra sair. Desse jeito ia atrasar mais ainda o programa que já é atrasado sempre!

- Olha aqui, dona Coruja, eu vou dizer uma coisa pra senhora. Se eu ficar bonzinho e comportado, ninguém vai me reconhecer. A senhora vai acabar com o folclore, sabia?

E era verdade. Saci-Pereré é Saci-Pereré! Então a coruja, muito sábia, ajudou e, de sapato e cheiroso, o Saci se mandou. Mas a verdade é que, com a coruja, ele nunca mais aprontou!



# Guiné-Bissau: 1 000 Sabores do Mundo

## Caldo de Mancarra

[Baseado em Vários, 2009]

Este “conto” é na verdade uma receita. Esta sessão foi baseada num livro de receitas e em particular numa receita típica da Guiné-Bissau. A contadora que nos trouxe esta experiência cozinhou a receita previamente e depois de apresentar os ingredientes e de falar um pouco com as crianças e jovens sobre a gastronomia guineense deu a oportunidade de que todos/as experimentassem a receita que veio partilhar.



## Ingredientes (para 4 pessoas):

- 1 frango;
- 1 cebola grande;
- sumo de 1 limão;
- 250g de amendoim;
- 3 tomates maduros;
- 1 dl de água;
- quiabos;
- sal e piri-piri q. b.



## Preparação:

1. Limpar o frango e cortá-lo em pedaços. Temperar com sal, piri-piri e a cebola cortada em rodelas.
  2. Colocar numa panela com um pouco de água e sal e deixar cozer em lume brando.
  3. À parte, pisar muito bem o amendoim num almofariz. Juntar o tomate e esmagar até obter uma pasta. Deitar então a água quente e mexer para desfazer bem.
  4. Coar e adicionar o líquido ao frango. Colocar os quiabos. Deixar ferver para apurar o molho. Retirar do lume e regar com o sumo de limão.
- O caldo de mancarra pode ser servido com arroz branco.



# Cabo Verde: Estória de Tambor

## Lenda do Tambor

[Baseado em Pereira, 2009]

**C**ontecê, tem tcheu, tcheu, tcheu  
tempe na África, num tirrinha  
longe ma mut, mut b'nite...

Aconteceu há muito muito tempo  
em África, numa distante e lindíssima  
aldeia...

*Depôs d'um dia mute quente, note bem  
tá tchegá ma... oh que frio, oh que frio!  
Tão frio que tude macoq rasolvê quecê  
na roda d'um foguêra. Quês lume táva  
tremê tonte e ês tava pontá tudo pá  
céu. 'Quel céu 'scure de breu, tcheu de puntim brilhante, ma entre ês tinha um que por cause  
de se formate tch'ma logue atenção.*

Depois de um dia bem quente, chegou a noite, mas... que fria! Tão fria que os macacos resolveram aquecer-se á volta de uma fogueira. Lindas as chamas, que tremendo também apontavam o céu. Céu tão escuro. Cheio de pontos brilhantes, mas entre eles está um que pela sua forma logo chamou a atenção.

- Bocês 'spiá, bocês 'spiá 'quel lá! El é moda fatia d'um bóbra! Un de 'quês macaquin dzê.
- Qual fatia d'um bóbra!? Quel ôte raspondé. – Se bô ca sabê, 'quel ê LUA.
- Ah! Ma el tá tão olte, tão olte! Tão b'nite!



- Olhem, olhem todos. Aquela! Parece a fatia de uma abóbora! Disse um dos macaquinhos.

- Qual fatia de abóbora! Respondeu outro. – Se não sabes aquela é a LUA.

- Ah! Mas tão alta, tão alta! Tão linda!

- *É de vera, quel ê lua. No tem que tcha'ma'l "Madrinha Lua". El tem tcheu poder, el tá dá*

*gente um data de cosa, El tá fazê onda de mar mexê, nôs campe dá mas midje, e nôs galinha pô más ove. Tchegá na ele, subi tão olte era sês grande problema, e ês f'cá tá pensá.*

- Verdade, é a lua. Temos que a chamar de "Madrinha Lua". É tão poderosa, dá-nos tantas coisas e até faz mexer as marés e o milho dos nossos milheirais. E faz as galinhas porem mais ovos. Alcançá-la, chegar até tão alto era o grande problema. E deu que pensar.

*De repente, um de quês macaquin lembrá qu'ês podia s'bi um de riba d'ôte, ta s'bi, ta s'bi... Talvez ês podia tchega na el. Ês pensá, bem pensode, e ês fazê mas m'djor. Lá na cume de quel pirâmide, quel últ'me macaquin quás táva incostá na lua. El f'ca tão incantôde que sê beleza, e quás qu'el perdê fala. E tcheu de mede:*

- *"Madrinha Lua", bê qu'ê tão poderosa, dexa'm tchegá na bô.*



De repente, um dos macaquinhos lembrou-se que pondo-se em cima uns dos outros, subindo, subindo... talvez a alcançassem. Se bem pensaram, melhor fizeram. No alto da pirâmide, o último macaquinho quase tocava na lua. De tão encantado com a beleza dela, quase não conseguia falar. E muito a medo:

- “Madrinha Lua”, tu que és tão poderosa, faz com que eu chegue a ti.



- *Cá bô tem mede, bô tá tão perte, tão perte, basta bô stica bô bróce, bô ta guentá um de nhas ponta.*

*El intchi de coraja, e na sê primer sólte, el poisá naquel mar tão brilhante, e el f'ca logue tonte.*

- Não tenhas medo, estás tão perto que basta esticares bem, bem, o braço e tocarás numa das minhas pontas.

Cheio de coragem e ao primeiro salto, ele pousou naquele mar tão brilhante que logo o entonteceu.

*Tude cosa era tão brilhante, que nós macaquin, spantóde e que sês oie grilide de sponte ca táva pará de admirá quês cabel també brilhante de “Madrinha Lua”.*

- *Ben, bô podê passear, concê'm descobri tude cosa que ta rodeá nós.*

Tudo era tão brilhante, que o nosso macaquinho, com os olhos esbugalhados de espanto, só conseguiu ver e admirar os também brilhantes cabelos da “Madrinha Lua”.

- *Anda, podes passear, conhecer-me, descobrir tudo á nossa volta.*

- Pa bô podé conta m'djor tude que bô oiá, m'ta ins'nóbe fazê um cosa especial, que ta sirvi tambê de presente pa bôs amigue que ti tá spêrobe tchegá la debóxe tcheu de novidade. És dôs sei ta bai, ês panha uns rôme lí, uns fóia lá, tude ês tão brilhante que tava encandeás sês oie.

- Para que contes melhor o que viste, vou ensinar-te a fazer um objeto especial, que será também um presente para os teus amigos que lá em baixo te esperam, e com novidades. Lá foram colhendo alguns ramos e folhas, todos tão brilhantes que encandeavam.

- Má é c'jête, c'jitin! – “Madrinha Lua” tava bá ta conselha'l. Junta uns fóia debóxe, gora ôtes de volta, e qu'ês róme na vertical. Sigui, más fóia derriba de quês rôme! Agora temá, uns fio de nha cabêl! Pa marrá tude bem marróde. Agora más dôs ramin, um na cada mon, e bá ta spancá's derriba de quês fóia.

- Com jeito! Com jeitinho! – Aconselhava a “Madrinha Lua”. Junta as folhas em baixo, agora outras à volta e os ramos ficam na vertical. Vá lá, mais folhas, por cima dos ramos. E aqui tens, são fios dos meus cabelos para atar tudo muito, muito bem. Agora mais dois ramos, um em cada mão e bate com eles sobre as folhas.

Má qu'el som era un cosa strónhe, que nunca el ca tinha ovide. Tão strónhe e especial que nós macaquín pedi Lua pa deixá'l oiá, e leva sês amigue quel presente. Depôs d'el ter side marróde c'uns fio de cabêl de “Madrinha Lua”. El começa ta dexi, má antes ês combiná qu'ma “senal” pa ser largóde era “tocá” naquel cosa que tinha quel som tão podêrose.

O som era algo nunca dantes ouvido. De tal maneira especial que o nosso macaquinho pediu à Lua que o deixasse regressar e levar aquele presente aos amigos. Depois de atado com alguns fios de cabelo da “Madrinha Lua”, lá começou a descida, mas sabendo que, conforme combinado com ela, o sinal para ser largado seria o primeiro “toque” nesse objeto de som tão poderoso.

*Sê contentéza e nervose bá ta aumenta, ta aumenta cada vez qu'el bá ta descobri na sê dexida, e na meie de róme de coquer, casa de sê pai má sê mãe, de sês amigue e ôtes gente de família, el pensá qu'el táva tão perte, que logue el começa de tocá... e “Madrinha Lua” largá'l. Qu'and el caí, qu'el som zení e dobra dum manêra, qu'el tchega na tude tirrinha de munde, tude quês ôte macaquin bem spiá, e logue ês fazê um “instrument” igual... e ês f'cá ta sabê novidade de “Madrinha Lua”.*

Tomado de ansiedade e alegria, que foram aumentando à medida que ia descobrindo no meio das copas das palmeiras as palhotas dos pais, dos amigos e de outros familiares, tão perto se julgou que nervosamente, começou a tocar... e, assim, foi largado pela “Madrinha Lua”. Na queda, dobrou-se de tal maneira o som que, chegou a todas as aldeias em redor, trouxe até ele todos os outros macaquinhos, que logo quiseram fazer e ter um “instrumento” igual... e saber novas da “Madrinha Lua”.

*Ta dezide qu'ma foi assim que tambor nascê.*

*E assim nasceu o tambor.*



# Angola: Macaco de rabo cortado

[Baseado em Torrado & Lopes, 2006]

**E**ra uma vez um macaco mariola, que andava de bata e sacola, como se fosse para a escola. Mas não ia. Era tudo a fingir.

Os rapazes, quando o viam passar, troçavam dele e gritavam:

Macaco escondido com o rabo de fora... Macaco escondido com o rabo de fora...

Pois era. Realmente o rabo sobrava de bata e, muito comprido e retorcido, corria atrás do macaco para onde quer que ele fosse.

Então o macaco entrou numa barbearia e pediu ao barbeiro que lhe cortasse o rabo. O barbeiro afiou a navalha e zut! rabo para um lado, macaco para o outro.

A operação deve ter doído, mas o macaco, que tinha tanto de vaidoso como de corajoso, não se importou. E de sacola e bata, muito empertigado, veio para a rua mostrar-se nos seus novos preparados.

Estavam uns homens à conversa, numa esquina. Quando o viram passar, um deles comentou:

Macaco sem rabo é como um burro sem orelhas. Fica mais feio e fica mais minguido. Coitado!

O macaco ouviu-o, sentiu-se e correu ao barbeiro para que lhe desenvolvesse o rabo. Talvez ainda pudesse ser cosido ou colado...



Olha o macaco toleirão à procura do rabo. Que queria que eu lhe fizesse? Deitei-o fora e a camioneta do lixo levou-o disse-lhe o barbeiro.

Aí o macaco zangou-se. E quando uma pessoa ou um macaco se zanga e perde a cabeça, faz disparates. Sem mais nem menos, agarrou numa das navalhas do barbeiro e disse:

Nesse caso, levo-lhe a navalha com que me cortou o rabo.

E abalou.

la ele por uma rua, quando passou perto de uma peixeira.

Que linda navalha traz o menino na mão disse a peixeira. O meu carinho de anjo não me quer dar a navalhita, para eu amanhar o meu peixe?

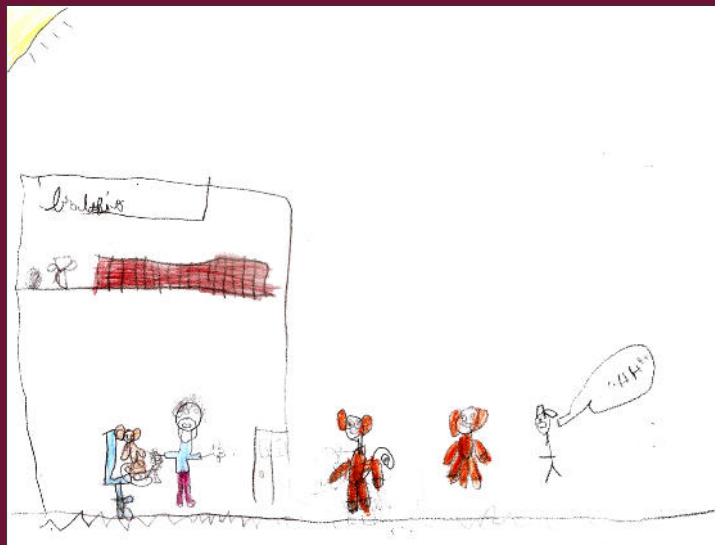
O macaco ficou todo derretido com as falas da peixeira e, já se vê, deu-lhe a navalha.

De mãos a abanar é que sabe bem passear...

Mas, passado um tempo, veio-lhe a vontade de chamar outra vez sua à navalha e voltou atrás, à procura da peixeira.

Olha o macaco paspalhão a perguntar pela navalha...

Fique sabendo que não prestava para nada. Mal lhe peguei, para amanhar umas sardinhas, partiu-se disse-lhe a peixeira.





Aí o macaco zangou-se. Zangou-se e fez outro disparate. Pegou numa canastra de sardinhas e abalou, dizendo:

Nesse caso, levo-lhe as sardinhas com que me estragou a navalha.

Estava um padeiro à porta da padaria, quando o macaco passou com a canastra de sardinhas à cabeça.

Psst, ó cavalheiro chamou o homem, encostado à porta da padaria. Um senhor tão distinto com sardinhas à cabeça não parece bem. Deixe-as cá ficar comigo, que tenho onde guardá-las.

O macaco ficou sensibilizado com estas falas do padeiro, e, já se vê, deu-lhe as sardinhas.

Pois é. De mãos a abanar é que sabe bem passear...

Mas, passado um tempo, veio-lhe a vontade de chamar outra vez suas às sardinhas e voltou atrás, à procura do padeiro.

Olha o macaco trapalhão a perguntar pelas sardinhas... Comi-as em cima do pão e estavam bem gostosas, fique sabendo disse-lhe o padeiro.

Aí o macaco zangou-se. Zangou-se e fez outro disparate. Pegou num saco de farinha e atirou-o para os ombros, dizendo:

Nesse caso, levo-lhe um saco de farinha com que fabricou o pão para comer as sardinhas.

E fugiu.

Estava uma senhora professora à janela da escola, a ver quem passava, enquanto as alunas brincavam no recreio. Passou o macaco com o saco às costas.

Como ele vai carregado, o pobrezinho disse a professora.

O macaco ficou comovido com estas falas da professora e, já se vê, deu-lhe o saco de farinha.

Pois é. De mãos a abanar é que sabe bem passear...

Mas, passado tempo, veio-lhe a vontade de chamar outra vez seu ao saco de farinha e voltou atrás à procura da professora.

Olha o malcriadão do macaco a exigir o que ainda há bocado nos deu, sem que ninguém lhe pedisse.

Da farinha amassámos bolos e as minhas

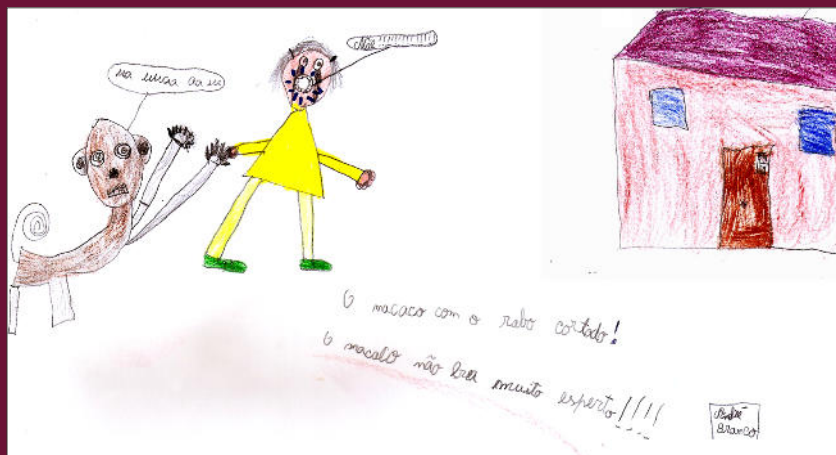
meninas comeram-nos todos disse a senhora professora. Aí o macaco zangou-se. Zangou-se e fez outro disparate. Agarrou numa menina e fugiu com ela, dizendo:

Nesse caso, levo-lhe uma menina que comeu os bolos da minha farinha.

Mas a menina, ao colo do macaco, não parava de chorar.

Quero a minha mãe. Quero a minha mãe, dizia a menina.

O macaco condoeu-se e, já se vê, levou-a a casa da mãe, que lhe agradeceu muito o



encargo. Até a menina, depois de se assoar e limpar os olhos, lhe fez uma festinha de amizade.

Pois é. De mãos a abanar é que sabe bem passear...

Mas, passado um tempo, começou a sentir saudades da menina e voltou atrás, a saber dela.

Querem lá ver o maganão do macaco que não para de rondar-me a casa disse-lhe a mãe da menina. A minha filha está a ajudar-me a lavar a roupa, que eu estou a estender, e se ainda quer saber mais vou chamar o meu marido, que anda na horta, e já lhe trata da saúde.

Aí o macaco zangou-se. Zangou-se e fez outro disparate.

Agarrou numa camisa que estava estendida e abalou com ela, dizendo:

Nesse caso, levo-lhe uma camisa fina lavada pela menina.

Estava um velho violeiro a trabalhar à porta da oficina, quando o macaco por ele passou, a correr.

Senhor camiseiro, ò senhor camiseiro, deixe-me ver a sua mercadoria disse-lhe o violeiro.

O macaco passou e aproximou-se do velhote, que vestia uma camisa muito estafada e cosipada.

Parece de bom pano disse o violeiro. Só tenho pena que a minha bolsa não chegue a semelhante luxo. Afinal uma vida de trabalho não dá direito a camisa fina.

O macaco ficou impressionado com as falas do velhote e, já se vê, deu-lhe a camisa.

Pois é. De mãos a abanar é que sabe bem passear...

Mas, passado um tempo, e como de costume, arrependeu-se e voltou atrás, à procura do violeiro.

Olha o aldrabão do macaco que não me deixa em paz. A camisa não valia nem o trabalho de vesti-la. Era tão fina, que se rasgou toda, quando a pus. E se continua aí especado ainda lhe atiro com esta viola à cabeça gritou-lhe o violeiro.

O macaco, isto ouvindo, arrancou a viola das mãos do velho e disse:

Nesse caso, antes que a estrague na minha cabeça, levo-a eu inteira, que melhor me serve inteira do que partida.

E fugiu com a viola ao ombro.

Agarra que é ladrão! gritou o violeiro, correndo atrás dele.

O macaco trepou a uma árvore, saltou para uma varanda, subiu a um telhado e lá de cima espreitou cá para baixo.

Estava um grande ajuntamento na rua. Era o violeiro, o pai e a mãe da menina, a professora, o padeiro, a peixeira, o barbeiro e muita rapaziada. Todos apontavam para ele, cantando e troçando:



- Olha o macaco mariola  
que de rabo fez navalha  
da navalha fez sardinha  
da sardinha fez farinha  
da farinha fez menina  
da menina fez camisa  
da camisa fez viola  
e agora deu à sola  
e agora deu á sola.

O macaco no telhado repimpado  
pegou na viola e respondeu-lhes:

- Pois se agora dei á sola  
Pois se agora vos fugi  
É que a mim ninguém me enrola  
E de mim ninguém se ri.

Tinglinterim, tinglinterim.  
Tinglinterim, tinglinterim.

Cá em baixo, continuava a surriada.  
Riam-se e cantavam para ele:

- Olha o macaco mariola,  
estarola e gabarola  
com pancada na cachola,  
dá e tira, mata e esfola,

ora parte, ora cola,  
ora mete para a sacola...  
Dá a esmola, tira a esmola,  
mariola, mariola  
quem te meta na gaiola,  
quem te meta na gaiola.

Mas o macaco no telhado  
respondia ao desafio:

- Não me metem na gaiola  
que de mim ninguém se ri.  
A tocar nesta viola,  
tinglinterim, tinglinterim,  
a dançar com castanholas  
vou daqui para Madrid.  
Sou macaco mariola  
e rei do charivari,  
porque a mim ninguém me enrola  
e a tocar nesta viola

tinglinterim, tinglinterim

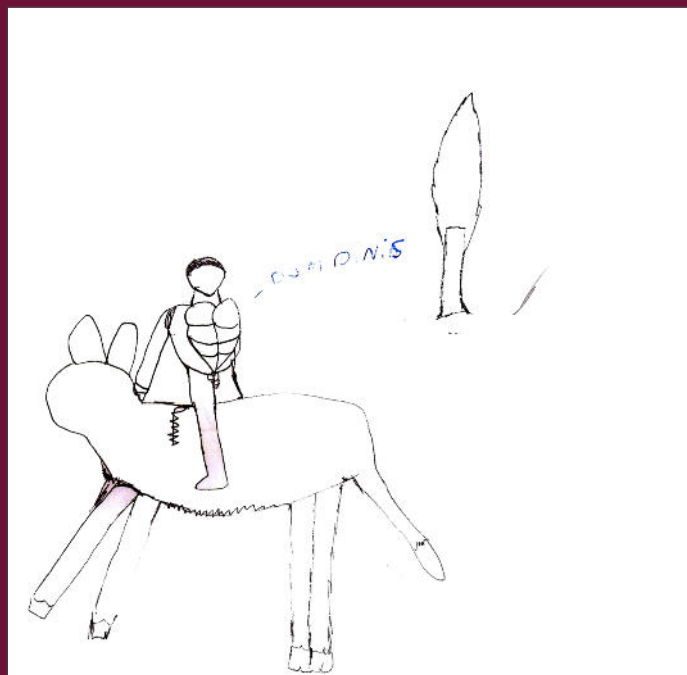
não tenham pena de mim.  
Tinglinterim, tinglinterim  
não tenham pena de mim,  
tinglinterim, tinglinterim  
não tenham pena de mim...  
Foi-se embora o macaco...

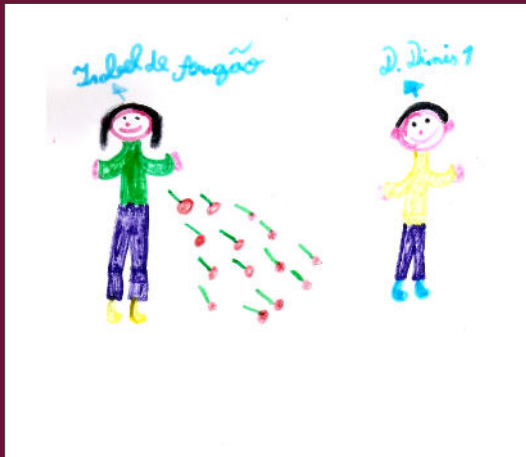
## Portugal (Coimbra): Lendas de Reis e Rainhas

**D**. Dinis, numa tarde quente de maio, passeava no Pinhal de Leiria debaixo de um sol muito quente. Passou por várias povoações e todos estavam com muita sede e não aguentavam tamanho calor. D. Dinis ordenou ao seu cavalo que escavasse dizendo “Escava cavalo...escava”. Nesse momento formou-se um curso de água onde puderam refrescar-se e que ainda hoje existe.

Esse pinhal, o Pinhal de Leiria, conhecido por Pinhal do Rei, é rico em flora e fauna com muitos animais e muita beleza. É dominado por coelhos e lebres, havendo também lontras, ouriços, raposas, texugos, toirões, saca-rabos, etc. No que respeita a aves, podemos encontrar corvos, gralhas, felosas, melros...

Era neste pinhal que D. Dinis passeava com a sua amada, Isabel de Aragão. A mulher de D. Dinis, a Rainha Santa Isabel, tornou-se célebre pela sua imensa bondade. Ocupava o tempo a fazer bem a quantos a rodeavam visitando e tratando doentes, distribuindo esmolas pelos pobres.





Ora, conta a lenda que o rei, já irritado por ela andar sempre misturada com mendigos, a proibiu de dar mais esmolas. Mas, certo dia, vendo-a sair furtivamente do palácio, foi atrás dela e perguntou o que levava escondido por baixo do manto. Era pão. Mas ela, aflita por ter desobedecido ao rei, exclamou:

- São rosas, Senhor!
- Rosas, em Janeiro?- duvidou ele.

De olhos baixos, a rainha Santa Isabel abriu o regaço - e o pão tinha-se transformado em rosas, tão lindas como jamais se viu.



Este é o chamado Milagre das Rosas, tão conhecido na história de Portugal.

O Rei D. Dinis e a sua esposa tiveram vários filhos, mas nesta história vamos falar apenas do seu filho D. Afonso IV.

D. Afonso IV, que se tornou Rei de Portugal, casou com D. Beatriz de Castela e também eles tiveram vários filhos, mas aqui iremos falar apenas de D. Pedro I, infante de Portugal. Uns chamaram-no de Justiceiro outros de Cruel. Estas "alcunhas" têm a ver com uma triste história de amor que viveu quando ainda era príncipe.



Quando ainda era muito jovem o seu pai, D. Afonso IV, devido a interesses políticos com Espanha, obrigou-o a casar com D. Constança. Era um casamento sem amor, porque este tinha sido obrigado a casar.

D. Pedro casou com D. Constança arranhou mas logo se apaixonou pela mais bela das suas aias, Inês de Castro. Apaixonaram-se e não conseguiam disfarçar o amor que os unia.

O escândalo tomou tais proporções que a esposa, D. Constança, resolveu convidar



D. Inês para madrinha do filho que tinha no ventre pois considerava que este parentesco espiritual os afastaria.

Porém, tal decisão não teve a eficácia necessária, pois D. Pedro, de carácter extremamente apaixonado e arrebatado, não vergava a nada que impedisse a concretização dessa paixão.

O seu amor excedeu de tal modo que o escândalo estalou na corte e o rei D. Afonso IV forçou a amante do filho a sair do país.

Mais tarde D. Constança morre ao dar à luz o terceiro filho e D. Pedro fica então liberto para ir buscar a sua amada. Preso como estava a um casamento que não procurara nem queria, viu na morte da esposa a sua libertação.

Logo a seguir à morte da sua esposa, D. Pedro traz D. Inês para Portugal. Foram tempos felizes, apesar dos murmúrios do povo, que não via com bons olhos D. Inês.

Depois de alguns anos no Norte de Portugal, e já com 3 filhos, Pedro e Inês regressaram a Coimbra e instalaram-se no Paço de Santa Clara. Havia boatos de que o Príncipe se tinha casado secretamente com D. Inês. Na Família Real um incidente deste tipo assumia graves implicações políticas. O rei D. Afonso IV, pressionado pelos seus conselheiros, decidiu que a melhor solução seria matar D. Inês.



Aproveitando a ausência de D. Pedro, numa excursão de caça, foi com os seus conselheiros e outros para executarem Inês de Castro em Santa Clara. À beira de uma fonte Inês de Castro foi surpreendida pelo rei e pelos seus homens, apesar de suplicar pela vida a D. Afonso IV, foi apunhalada e assassinada.

Segundo a lenda, as lágrimas derramadas no rio Mondego pela morte de Inês teriam criado a Fonte das Lágrimas da Quinta das Lágrimas, e algumas algas avermelhadas que ali crescem seriam o seu sangue derramado. D. Pedro, logo que soube do sucedido ficou louco de raiva e de dor e jurou vingança aos assassinos da sua amada. Só mais tarde aceitou fazer as pazes com o seu pai mas não esqueceu os homens que mataram Inês.



Mais tarde morreu D. Afonso IV e D. Pedro subiu finalmente ao trono. Este procurou de imediato reaver os assassinos de D. Inês que se encontravam refugiados em Castela. Este, desejoso de vingança, capturou-os e condenou-os à morte.

Pedro, porque sentia tanto amor por Inês, mandou construir 2 belos túmulos no Mosteiro de Alcobaça para que pudesse acompanhar a sua amada também na morte. É nestes túmulos que ambos estão sepultados.

## São Tomé e Príncipe: O Comboio de Natal

**H**á muitos, muitos anos, numa terra bem distante, numa ilha no Oceano Atlântico, que se chamava São Tomé. Conhecem? São Tomé e Príncipe foi uma colónia portuguesa e tem das melhores plantações de cacau e café. O seu clima é quente e húmido e as temperaturas variam entre os 22 °C e os 30 °C.

Nesta terra, como estava a dizer, havia um ferroviário. (Sabem o que é um ferroviário?) É um senhor que toma conta das estações e linhas de comboio. Este senhor chamava-se Leopoldo e vivia com a sua filha, Aldinha, numa pequena estação.

Leopoldo tinha que zelar pela segurança do caminho-de-ferro, ou seja, tinha de cuidar e estar atento a tudo o que se passava na linha do comboio que atravessava as montanhas, pois haviam muitas quedas de rochas que podiam bloquear a linha e causar acidentes.

Na tarde da véspera do Dia de Natal, Leopoldo estava, como de costume, a trabalhar na estação. Aldinha estava em casa a decorar a árvore e não parava de pensar no presente que o pai lhe prometera: o que seria? Estava desejosa de o ver regressar e corria para a janela constantemente, a ver se o avistava, se o encontrava.

De repente, ouviu um ruído semelhante a um trovão. A sua cadelinha, Bella, desatou a ladrar e a arranhar a porta com força, corria de um lado para o outro, ladrava e rranhava a porta com muita força.

Deve ter sido uma queda de rochas exclamou Aldinha, assustada, correndo para fora de casa.

E foi mesmo! A linha de caminho-de-ferro estava bloqueada por uma enorme quantidade de rochas. Depois do estrondo, instalara-se na montanha um profundo silêncio.

Aldinha sentiu-se assustada e ficou alarmada:

O comboio expresso vai chegar dentro de meia hora! E agora, o que é que eu faço? O que faria o meu pai? Já sei! Tenho de avisar o maquinista. (Sabem o que é um maquinista? É o condutor do comboio).

Aldinha pensou durante algum tempo e depois, correu para casa, acompanhada por Bella, aos saltos. Aldinha lembrou-se do que o pai lhe tinha dito vezes, vezes sem conta:

Se a linha estiver bloqueada, coloca-te 400 metros à frente do acidente e acende uma fogueira. Depois, acena sem parar com uma lanterna para avisar o maquinista e dar-lhe tempo para travar.

Rapidamente, a menina pegou na árvore de Natal e levou-a consigo. Nem deu pelas decorações que iam caindo pelo chão. Correu pela linha abaixo em direção ao túnel, arrastando a árvore. Faltavam apenas 15 minutos para a chegada do comboio! O túnel estava escuro e silencioso e o brilho da chuva ao fundo mal se via. Aldinha, porém, continuou a arrastar a árvore, sem largar a lanterna

acesa. Em breve saiu do túnel e começou a atravessar a ponte; agora, o expresso far-se-ia ouvir a qualquer momento.

Chegou, por fim, ao local que escolhera. Estava sem fôlego, muito cansada devido à corrida e as suas mãos tremeram quando pegou fogo à árvore. As chamas altas que se ergueram no céu nevado mais pareciam velas gigantes. Aldinha conseguia ouvir o comboio a aproximar-se cada vez mais. De repente, eis-lo a sair do túnel, envolto em grossas nuvens de fumo.

Foi então que o maquinista viu a fogueira e a lanterna. Puxou imediatamente pelo travão de emergência e desligou a locomotiva. Ouvia-se o som estridente do apito. O enorme comboio tremeu, estremeceu e, lentamente acabou por parar. Lá dentro, andava tudo aos tropeções. Os passageiros tombaram dos assentos e as bagagens caíram no chão. O caos instalou-se no vagão-restaurante: empregados, pratos, bolos, peixes virou-se tudo ao contrário, estava tudo de pernas para o ar!

Lá fora, rodeada pela chuva, Aldinha permanecia imóvel, muito quieta, a segurar a lanterna acesa e a olhar para o enorme comboio. O maquinista e o revisor saltaram do comboio e foram ter com a menina.

Olha, é a Aldinha! exclamou o maquinista.

Há uma enorme queda de rochas em frente do túnel grande e eu tinha de vos avisar disse Aldinha.

Os dois homens olharam um para o outro com admiração. Em pouco tempo todos no comboio sabiam da queda de rochas e de como a menina os tinha salvado.

Alguém disse:

A pobrezinha deve estar cheia de frio, ali no meio da chuva.

E logo Aldinha foi convidada ao vagão-restaurante, uma carruagem do comboio que era igual a um restaurante, onde as pessoas que viajam podem comer e petiscar. O vagão-restaurante estava bem quentinho e cheio de rostos que a olhavam. Percebeu que as pessoas falavam entre si e, de repente, viu-se rodeada de presentes! À entrada da carruagem, o pai

observava-a. Leopoldo segurava nas mãos um cordeirinho branco como a neve, com manchinhas negras atrás das orelhas. “Que magnífico presente de Natal!” pensou Aldinha, correndo para o pai.

Anda, pai, vamos para casa pediu. A Bella deve estar a pensar no que é que nos terá acontecido.

O maquinista esperava-os lá fora com uma bela e grande árvore de Natal, ele tinha ido à floresta cortar a árvore para eles como forma de agradecimento. Agora, Aldinha e o pai já podiam celebrar o Natal como queriam e de uma forma ainda melhor pois tinham ajudado muita gente!



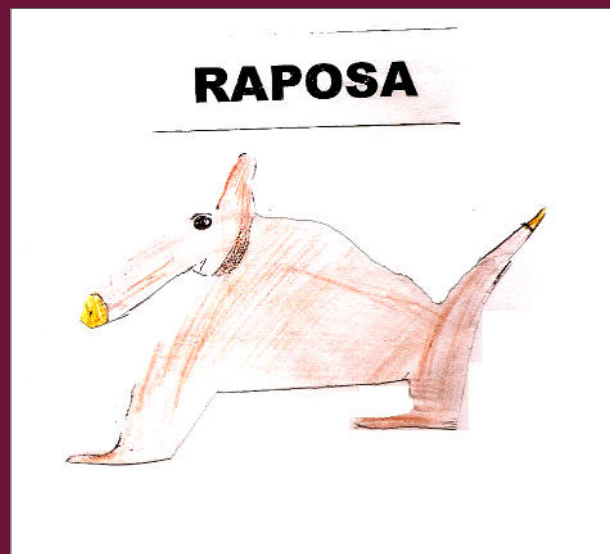
# Portugal (Baião): Fábula “A Raposa Gulosa”

[Baseado em Fiodorov, 1994]

**T**odos vocês sabem que a raposa é animal prudente e observador. Como qualquer ladrão que se preza, antes de levar a cabo um golpe, estuda atentamente a situação para evitar correr riscos.

A personagem da nossa história também não foge à regra. Ouçam então:

Alguns pastores que conduziam as suas ovelhas a pastar sempre ao mesmo sítio tinham o hábito de parar para comer debaixo de um imenso carvalho. A árvore erguia-se, bem solitária, no meio de uma vasta clareira e espalhava a sua sombra numa grande área. Estava-se em pleno Verão e era bom ficar ali debaixo, esticado, simplesmente a conversar, diante de um naco de pão, um bocadinho de queijo saboroso e um pedaço de borrego assado.



A nossa raposa também tinha ganho um hábito: o de observar a cena a uma certa distância, escondendo-se atrás do espesso matagal.

Que aborrecimento ver todas aquelas coisas boas desaparecerem nas bocas vorazes dos pastores, enquanto ouvia a resmunguice surda do próprio estômago, desoladoramente vazio! Mas quem sabe se, mais cedo ou mais tarde, não haveria de surgir a ocasião de meter a pata nalguma dessas coisas...

A ocasião surgiu mais cedo do que esperava. Certo dia, enquanto os pastores se encontravam reunidos a comer, um deles observou:



Olhem, o carvalho é oco! Porque é que, em vez de andarmos com a comida atrás de nós até à hora da refeição, não a colocamos aqui dentro?

- Boa ideia! Aprovaram os outros.

E no dia seguinte assim o fizeram.

Naturalmente que a manobra não passou despercebida à nossa amiga, sempre à espreita.

Os homens chegavam pouco depois do amanhecer e voltavam para comer pouco depois do meio dia. Tinha, portanto, muito tempo para dar o golpe sem ser incomodada.

Uma bela manhã os pastores puseram, como de costume, as suas sacolas no buraco do carvalho e afastaram-se. Foi então que uma mancha avermelhada saiu detrás de uma moita e desapareceu dentro do carvalho num abrir e fechar de olhos.



- Ah, que maravilha! É ainda melhor do que eu imaginava! exclamou a raposa, mal rasgou com os dentes as sacolas.

E tinha razão. Eram pequenos pedaços de carneiro fresco, azeitonas secas no forno (um pouco salgadas, por serem pequenas, o que pouco importava), três pães e uma coxa inteira de borrego, tão tenra que o simples facto de a olhar deliciava qualquer um.

Que barrigada, rapazes! Fali a poucos minutos, no tronco só restavam as sacolas meio rotas, um osso cuidadosamente descarnado e um odre de pele cheio de vinho, em que, por ser abstinência, a nossa raposa evitou tocar.

“Sinto-me mesmo bem! suspirou satisfeita a ladra, lambendo os bigodes. E agora, vou direita ao ribeiro para beber muita água. Aquelas azeitonas eram excelentes, mas fizeram-me cedo...”



Dito isto, meteu a cabeça fora do buraco, verificou que não estava ninguém por perto e fez o gesto de sair. Dizemos “fez o gesto” porque qualquer coisa a impediu de ir mais adiante.

- Oh, bonito serviço! Exclamou. Como é que a abertura diminuiu? Mas não, que estou para aqui a dizer! Comi demais e agora esta pança não me deixa passar. Pobre de mim, que hei-de fazer agora? Oh, que desgraça!

E começou a lamentar-se num tom de voz cada vez mais alto.

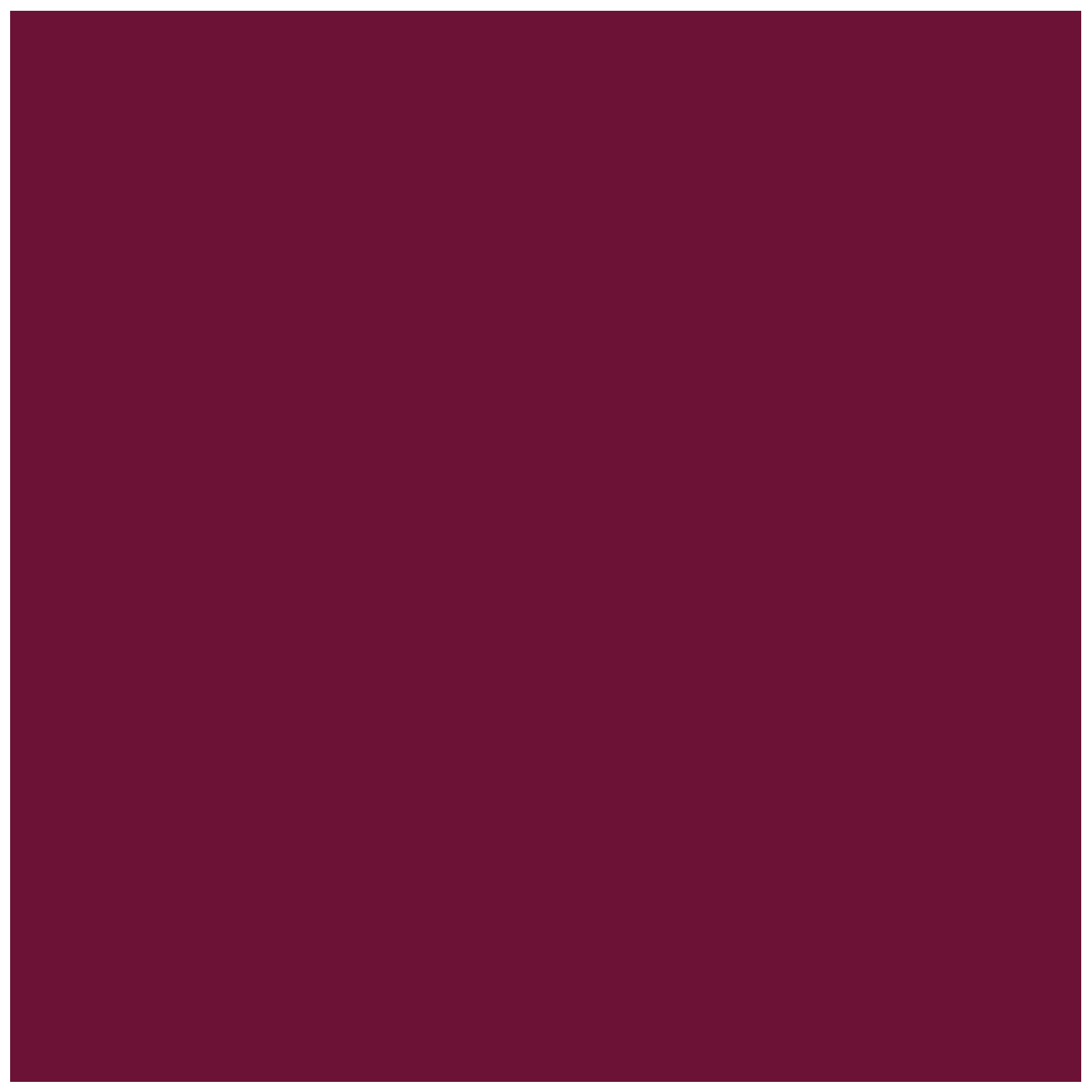
Quis o acaso que por ali passasse uma prima sua. Ouvindo aqueles suspiros aproximou-se do carvalho e viu a companheira no buraco.

- Olá, Rosinha! Que é que te aconteceu?
- Não vêes? Comi demais e agora não consigo sair...
- Não vejo nisso nada de grave. Espera, quando voltares a estar como dantes, sairás facilmente.

Perante aquelas palavras cheias de bom senso a nossa raposa acalmou-se. Os pastores só voltariam dali a umas horas. Tinha, por isso, muito tempo para digerir aquela barrigada. Encheu-se de paciência e, dali a pouco, pôde sair, prometendo a si própria que, de futuro, passaria a ser menos gulosa.

À fábula da raposa gulosa podemos atribuir dois significados. O primeiro é que o tempo é um bom remédio e acaba por resolver muitos problemas. O segundo é que, por vezes, a fartura não é uma vantagem, mas uma desvantagem.





# Bibliografia

Fiodorov, M. (il.) (1994). As mais belas fábulas de Esopo. In Coleção Grandes Ilustrados da Escola Russa. Porto: Civilização Editora

Heine, E. (s.d.). Uma história do Saci-Pererê que ninguém te contou. Acedido em Junho de 2013, em <http://www.divertudo.com.br/historia7.htm>

Pereira, C. (2009). Estória, estória... Do tambor a Blimundo. (2ª Edição). Caparica: Publicar, Lda.

Torrado, A. & Lopes, M. J. (2006). O macaco de rabo cortado e outras histórias tradicionais portuguesas contadas de novo. Porto: Civilização Editora.

Vários, (2009). 1000 Sabores do Mundo. Sintra: Girassol Edições

## Sites consultados:

[www.wikipedia.pt](http://www.wikipedia.pt)

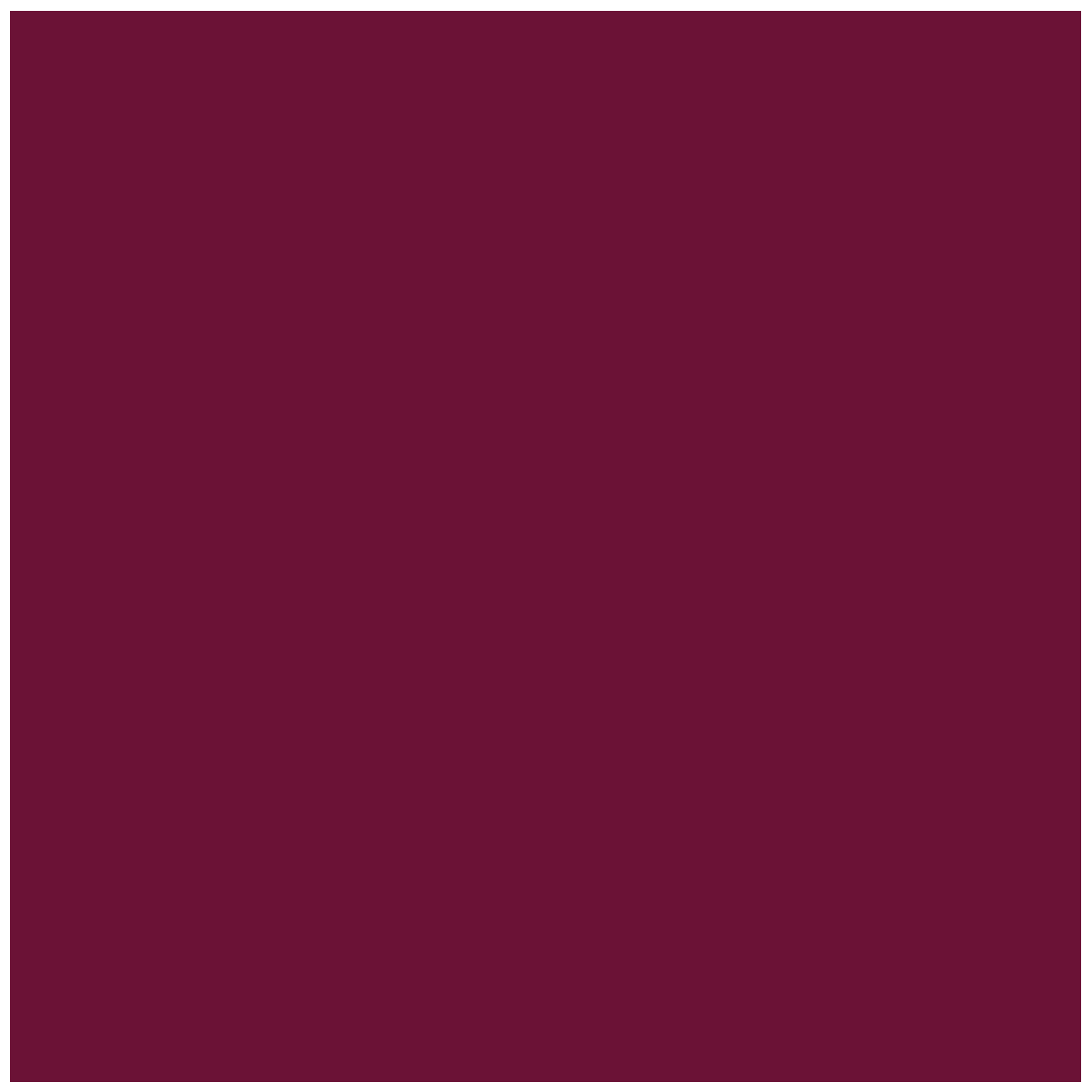
<http://dinesdecastro.blogs.sapo.pt/2197.html>

<http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/2001/lendas/Lendas%20de%20Coimbra.htm>

[http://portugalflorestal.blogspot.pt/2007\\_05\\_01\\_archive.html](http://portugalflorestal.blogspot.pt/2007_05_01_archive.html)

<http://pinhaldeleiriacnsf.webs.com/lendas.html>

<http://preparandonatal.wordpress.com/2012/11/12/o-comboio-de-natal/>



Entidade  
Coordenadora Local:



Entidade  
Promotora:



Financiamento:

